

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

**A
REPÚBLICA
DE
PLANTÃO**

JOSÉ LUIZ RIBEIRO

**GRUPO
DIVULGAÇÃO
2007**

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

41 anos de teatro para o povo
apresenta

A
República
de plantão



de José Luiz Ribeiro

Forum da Cultura
outubro - novembro
2007

O Grupo Divulgação vem falando sempre da sua aldeia e para ela. Desde a sua criação, ele utiliza o teatro para expor problemas e propor discussões. Variados temas de cada época nascem no palco a fim de se implantarem na cabeça do público. Sempre que a situação se apresenta problemática, a chamada dramaturgia de emergência entra em cena. Com a chegada do século XXI, não foi diferente. Ela serviu de estímulo para montagens que questionam as atitudes e ações do ser humano. A modernidade entra em vigor com suas quatro instituições pilares em crise. A família, a religião, a escola e o estado vivem um momento de extrema debilidade e de falta de força. Antigamente, para ser bem visto perante a sociedade, era preciso ter valores familiares definidos, uma religião, um grau de instrução e participação nas discussões políticas. Não possuir um desses elementos era sinônimo de marginalização ou de preconceito.

O novo trabalho, *A República de Plantão*, finaliza uma trilogia, iniciada em 2006, a respeito dessa crise moderna. A primeira montagem foi *Adoráveis Canalhas* que abordava questionamentos a respeito da família. Através da situação difícil vivida pela protagonista Rosa, o GD apresentava as relações falidas entre pessoas do mesmo sangue. No final, a peça mostrava que todos somos canalhas adoráveis no dia-a-dia, quando subvertemos nossos valores em função do bem-estar. No primeiro semestre de 2007, o enfoque caiu na religião. *Erguei as Mãos!* discutia como os cultos, as seitas e os rituais religiosos se transformaram em mercadorias que visam o lucro. Emília e Artur eram os novos canalhas que se transformavam em líderes religiosos para conseguir dinheiro e sair

da dificuldade. Agora, *A República de Plantão* enfoca a educação. Os estudantes só se preocupam com a qualidade das festas e da agitação, enquanto o conteúdo e o aprendizado ficam em último plano. Elísio e sua turma escancaram a postura de muitos jovens que vêm a faculdade como apenas um momento de curtidão.

E o estado? Será que ele vai ser o tema do próximo espetáculo? Na verdade, as questões relativas a ele permearam todos os três trabalhos. Rosa vivia com uma aposentadoria diminuta que não dava para nada e acordava cedo para enfrentar as filas de consulta no SUS. Emília e Artur foram vendendo todos os seus bens, como o carro, os terrenos e a mobília para se manterem financeiramente. E agora, Lina precisa alugar quartos, porque a situação está cada dia pior com os preços aumentando sempre.

Todos estes três retratos mostram que os anos foram se passando e não se soube assimilar as mudanças. A sociedade brasileira não conseguiu descobrir novos perfis que fossem condizentes com o momento que surgia. Na política, os escândalos têm brotado desde que retornamos às eleições diretas. A Igreja Católica perde espaço e influência, ao contrário dos escândalos de pedofilia que só aumentam. A educação virou uma espécie de programa em massa que só deseja formar mais alunos, ou seja, qualidade vira quantidade. E diante desse quadro caótico, a família vem se dissolvendo com poucos casamentos, muitos divórcios e extrema desunião. A confusão impera numa época frenética de informações, aquisições e evoluções.

O Divulgação não apresenta uma fórmula mágica que possa modificar a situação. O caráter emergencial busca iniciar a discussão. Seu teatro quer abrir os olhos das pessoas para os rumos prejudiciais que serão atingidos se a solução não for achada. *A República de Plantão* termina com uma pós-festa. Resta saber se, na vida real, vamos terminar essa “festa” felizes ou com dor de cabeça.

Representação e significação

Táscia Souza

O texto dramático nunca é completo sem a montagem; é da transfiguração da palavra em espetáculo que nasce sua plenitude. E levar um texto à cena deve envolver, ao mesmo tempo, representação e significação: representar é mostrar *como*; significar é revelar *por quê*. Só a coexistência harmoniosa das duas é capaz de transformar a estética em mediador ético, como deve ser o papel de toda arte.

Esteticamente, *A República de plantão* representa-se como uma peça realista, mas de nuances acentuadamente simbólicas. É a realidade do cotidiano envolta por códigos e convenções teatrais que, mesmo quando aparentemente simples, realçam elementos que não percebemos na correria da rotina diária. O espaço cenográfico se sustém em dois bastidores que fazem as vezes de paredes e de corredores do apartamento, entradas e saídas dos personagens que fluem com a liquidez da sociedade atual.

O despojamento cenográfico é fruto da ação centrada nesses personagens, que desfilam pelo palco como estereótipos de uma juventude vazia, da vida adulta como prolongamento cada vez maior da adolescência. A proximidade etária entre os atores e os papéis que interpretam dá ênfase ao realismo, já que se trata de um espetáculo feito *por, para e sobre* jovens. Os poucos personagens realmente adultos, por sua vez, são atropelados por essa juventude, ficando (ou saindo de cena) praticamente incapazes de reagir.

No palco, a sala de estar do apartamento de Lina, transformado em pensão para ajudar no orçamento, é tanto a reprodução de uma típica residência de classe média quanto a arena onde se desenrolam conflitos, confrontos e paixões. O realismo da

mobília – sofá, tapete, mesa, papel de parede – representa a casa com os elementos fundamentais a um ambiente tradicional; o antinaturalismo, ao contrário, com ausência de quadros, fotografias ou mesmo plantas e flores, comuns a esse tipo de ambiente, significa a despreocupação com a cultura, a falta de memória e a escassez de vida além da artificialidade e da fugacidade das relações contemporâneas. Trata-se de uma realidade cercada pela ausência de passado, distante de referenciais, drenada de valores. Ao fundo, a escuridão da rotunda preta que limita o final do palco encobre qualquer perspectiva.

O simbolismo é ainda mais evidente nos figurinos: ao longo da montagem, as roupas diminuem enquanto a liberdade aumenta e a sexualidade se torna mais e mais banal. Cada recém-aprovada universitária traz de sua cidade costumes e hábitos próprios, com a companhia da tia chata ou de uma indelicadeza que traduz simplicidade. Uma vez apanhadas pelo sistema, passam a usar vestimentas padronizadas, diferenciadas apenas pelas cores referentes ao curso de cada uma, numa amostra da massificação de comportamentos e idéias, o que culmina na incapacidade de reflexão. O pensar universal da instituição de ensino mostra-se corrompido pela necessidade jovem de experimentar tudo e sempre mais, tentando ficar diferente e acabando na mesmice, pois a cada esquina, fora do teatro, surge uma menina com o mesmo tipo industrializado de roupa.

Já em termos de sonoplastia, o repetitivo e insistente bater da campainha, auxiliado, em alguns momentos, pelo toque do telefone, dá ritmo ao espetáculo, desperta no espectador a ansiedade para saber o que mais pode acontecer e marca cada passo necessário para se chegar à revelação final.

O que é um autor?

Gustavo Burla

Capaz de transcender costumes, línguas, continentes e épocas, o universo dos discursos não anda sozinho pelo mundo. Existem pessoas que carregam esses discursos, sentem o tempo presente e dão vida ao que paira no ar, verbalizam anseios sociais. Para isso é importante sensibilidade, pela qual passa a apropriação do discurso, transformado em bem, deixando de ser apenas ato. José Luiz Ribeiro possui este dom.

Homem de teatro, Ribeiro é sempre professor e jornalista, leitor do mundo e educador de quem o cerca. Capaz de captar problemas sociais ainda a caminho da voga, lida com o paradoxo teatral da constante repetição do novo, serve de foco de expressão do tempo em que vive e fala para sua aldeia.

Para ganhar a cena, um texto precisa ser atual e adequar-se ao elenco disponível (em quantidade e em qualidade). Diante de dificuldades e necessidades, com bagagem de estudos em teoria e prática teatrais, Ribeiro enfrentou a página branca e parece ter gostado (ou esconde muito bem), pois foram tantos e cada vez mais constantes as incursões nas letras.

Geralmente para criticar desmandos da sociedade em que vive, escreveu sobre políticos (como para os dois Fernandos em *Era sempre primeiro de abril* e *O príncipe rufião*), costumes da família atual (*Botanágua* e *Adoráveis canalhas*), problemas sociais (*A escada de Jacó* e *Grito mudo*) ou valores com os quais o ser humano convive ao longo da vida, como memória (*Girança* e *Canga*) ou a certeza da morte (*Todomundo* e *O último portal*). Por vezes sua voz ecoou ao lado de outros nomes fortes da dramaturgia mundial, quando junto gritou com Brecht por uma sociedade mais justa (*O círculo de giz*) ou pediu ajuda a Shakespeare para mostrar a importância da magia em meio às tormentas do mundo contemporâneo (*A tempestade*).

Ribeiro também escreve para os núcleos de terceira idade e de adolescentes do Grupo Divulgação, nos quais ainda desenvolve

outros tipos de texto, como coletâneas de poemas de autores consagrados, mesclados com folclore e história (*Cantando Cecília* ou a parceria com Malu Ribeiro em *Canto por Federico*) ou tece homenagens a autores e estilos (*É isso aí, seu Ary!*), além de brincar com os sonhos infantis e ainda ser premiado por isso (*A formosa menina que salvou o circo*, escolhido entre os melhores textos mineiros em 2005).

As crianças não são apenas personagens, são público dos mais constantes e exigentes. Desde *Guairaká* que Ribeiro escreve teatro infantil, brincando com histórias populares (*O rouxinol do pescador*), transformando livros em peças (*O menino dos caracóis*), levando para as crianças (e para seus pais) os perigos da tecnologia, capaz de roubar dos mais novos as boas e velhas brincadeiras coletivas (*Passa, passa, assombração*).

Do texto ao palco, o autor se mantém, reescrevendo personagens a cada ensaio, como diretor ou ator. Ao posicionar uma luz, acrescentar um adereço ou elemento de cenografia, diante de novas possibilidades de figurino, o diretor José Luiz Ribeiro mostra ao elenco nuances que não eram vistas no texto. Sua dramaturgia de emergência, como é conhecida pelo Grupo, não se restringe ao que escreve: diante dos atores, o texto se transforma, a liberdade de criação continua. Principalmente se é o ator José Luiz Ribeiro quem está em cena: a cada dia um texto novo, para o deleite do público e para o desafio de quem com ele contracena.

Mais de quarenta anos de teatro, de ver e fazer teatral, de presença satisfatória em todos os lugares da sala. Feliz ao aplaudir uma boa encenação, Ribeiro também não acha menor a função de qualquer pessoa responsável pela cena e exerce cada uma com satisfação. Do contra-regra ao iluminotécnico, do bilheteiro ao recepcionista da sala, todos fazem parte do espetáculo e por tudo isso ele passa diariamente. Todos esses anos de participação nos mais distintos locais do teatro constituem um autor e os vários "eus" dispersos por sua obra, personagens marcantes em seus textos, assinaturas que mostram o cumprimento da função a cada novo espetáculo colocado de pé: a função autor.

Um ofício difícil, uma arte mágica e um percurso único

Márcia Falabella

Se engana quem pensa que o teatro é uma arte fácil. Não, não é! Seja do ponto de vista da produção, uma vez que o teatro é artesanal em sua essência, seja do ponto de vista da atuação, quando as cortinas se abrem e personagens em ação contam uma história no confronto direto com o público, que pode gostar ou detestar o trabalho, determinando seu sucesso ou seu fracasso.

Da escolha de um texto até à estréia da peça, um longo caminho é percorrido. A vida de *A República de plantão* nasce no encerramento do curso de Introdução ao Teatro, quando jovens, que vieram ao Forum da Cultura com o intuito de viver a experiência teatral, resolveram fazer parte do Divulgação, companhia que surgiu em 1966 e já soma 41 anos de atividades ininterruptas. Um caminho construído pelo voluntariado e pela paixão de todos os que se aventuraram na vivência transformadora e mágica do palco.

A formação de atores foi sempre uma preocupação do grupo, que possui ainda outros dois núcleos – o de Terceira Idade e o de Adolescentes que, todos os anos, fazem curtas temporadas, concluindo o processo de aprendizagem. O teatro se torna um forte instrumento de expressão e de participação social, que transforma a vida de cada participante desses projetos de extensão do Divulgação em parceria com Universidade Federal de Juiz de Fora.

Democraticamente, o grupo recebe esses novos integrantes que vão passar por uma imersão teatral. Teatro: ame-o ou deixe-o! Essas são as possibilidades quando se chega ao fim de uma temporada, uma vez que o ator, no Grupo Divulgação, passa por uma experiência totalizante. *A República de plantão* é um texto de José Luiz Ribeiro, que assina também a direção do espetáculo. Mais uma obra dramaturgica de sua autoria para atender não só a conformação desse novo elenco, que mistura atores antigos e outros que fazem agora sua estréia, mas também para trazer ao público uma história que dialogue com a realidade que nos cerca.

E o público é a razão de todo esse trabalho. Inspirado na colocação de Federico García Lorca – “mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro” –, o Divulgação tem contribuído para tornar Juiz de Fora uma cidade mais rica em sua paisagem cultural. Além de atender à comunidade universitária, aos integrantes do projeto Escola de Espectador – que traz gratuitamente ao Forum da Cultura, mais de 200 núcleos carentes de Juiz de Fora e região –, o grupo conseguiu construir uma relação de respeito e fidelidade com o população local que prestigia suas montagens, num exercício pleno e mútuo de cidadania.

O Divulgação, ao longo de todos esses anos, sempre se preocupou em construir um repertório de qualidade. O texto teatral é o ponto de partida para os espetáculos do grupo que, inicialmente, buscou nos clássicos da dramaturgia universal o material de suas peças. Assim, Sófocles, Tchékhov, Lorca, Górkí,

Pirandello, Camus, Molière, Shakespeare, Gogol, Genet, Goldoni, Brecht, entre outros, são dramaturgos que engrandeceram a trajetória da companhia.

Mas a produção nacional foi também fonte de criação, desde Coelho Neto, França Júnior, Joaquim Manoel de Macedo e Silveira Sampaio até os nomes mais importantes da dramaturgia moderna, como Oswald de Andrade, Jorge Andrade, Nelson Rodrigues, Augusto Boal e Naum Alves de Souza.

Também o núcleo de teatro infantil do grupo, que funciona desde 1973, buscou inspiração em muitos dramaturgos nacionais como Walmir Ayala, Gabriela Rabelo, Sylvia Orthoff, Maria Helena Kühner, Ana Maria Machado e Maria Clara Machado. Trazer à nossa comunidade um teatro infantil de qualidade tornou-se uma ação fundamental para o Divulgação, por entender a importância do teatro na formação da criança e a importância da criança na formação de um público teatral sempre presente.

E há que se considerar ainda a produção de uma dramaturgia própria, através da atuação de José Luiz Ribeiro, atendendo às carências da companhia e também ao comprometimento ideológico que marca a identidade do grupo, criticando, rindo e radiografando a realidade nacional e local. Na ciranda das funções de ator, diretor, dramaturgo, iluminador, sonoplasta e cenógrafo, José Luiz é o pilar e a alma do Divulgação.

Assim, depois de algumas semanas em busca de um texto, o grupo resolveu ir, então, à procura de seu autor de plantão. Dessa

forma, a nova peça foi sendo escrita dia a dia, enquanto os atores, esperando pelo desfecho, preparavam corpo e voz, desafiando seus próprios limites e exercitando técnica e expressão. Na angústia da criação, que paradoxalmente assombra e enche o ator de prazer, longas caminhadas foram feitas, primeiro na sala de corpo e posteriormente no palco. Quilômetros de tensão, atenção, memória, concentração e imaginação.

Aos poucos, em cada ensaio realizado nas noites de segunda à sexta-feira, a exaustão das caminhadas foi efetivando a verdade cênica em cada personagem e a cena foi se tornando possível. Um processo que se complementa na produção. Os atores passam finais de semana envolvidos na elaboração do cenário, do figurino, da iluminação. Um trabalho que começa às nove e meia da manhã e não tem hora para terminar. Batendo prego, serrando, costurando, varrendo, colando, pintando ou cortando, o ator amplia suas potencialidades, aprende a viver em grupo e descobre que teatro é muito mais que atuar.

Não. Não basta andar e falar para se fazer teatro. É preciso ser feito de uma matéria especial, de sonhos, de loucura e de paixão! Poucos entendem essa mistura. Como disse uma vez o saudoso Paulo Autran: "acho que se não tivesse trocado a advocacia pelo teatro hoje seria um velho ranzinza por ter passado a vida fazendo algo de que não gostava". Essa é a felicidade que desfrutamos nesses tempos de cólera, de barbárie e de desilusão. O teatro é nossa esperança e nossa salvação, nosso caminho e nossa fé! É a certeza de que a vida não passou em vão.

O público fala sobre o Divulgação

"É um patrimônio cultural de Juiz de Fora, destaque e exemplo para todo país"

Cláudia Moisés, 40, jornalista.

"Gosto de todas as pessoas que valorizam a arte e têm paixão pelo que fazem, e por isso: muito bom!"

Jaqueline Ishikawa, 19, estudante.

"Um dos pilares da cultura em Juiz de Fora, formador e descobridor de talentos."

Marisa Castro, 54, funcionária pública federal.

"Um grupo que sempre faz críticas à sociedade e leva a seu público reflexão."

Tatiane Hilgemberg, 22, estudante.

"A manifestação cultural mais expressiva da cidade!"

Delfim Soares Jr., 29, professor.

"É um grupo pelo qual tenho uma profunda admiração, não só pelos espetáculos, mas também pelo excelente curso de teatro, do qual tive o prazer de participar."

Eduarda Assis, 20, estudante.

"Sempre assisto aos espetáculos e acho divertidos, bem ensaiados e os artistas são ótimos. Adoro!"

Susana Rodrigues, 47, corretora.

"Não parem jamais! Isto não é pedido, é uma ordem."

Roseli Pinhatti, 36, autônoma.

"São profissionais de alta qualidade que mostram realidade ao interpretar."

Ana Eliza, 14, estudante.

“É um dos melhores grupos de teatro de Juiz de Fora. Atuações brilhantes e oportunidades para o público interagir com o artista.”

Carmelita Costa, 50, técnica em enfermagem.

“Marco da cultura da nossa cidade, referência tanto nos espetáculos adultos como nos infantis pela seriedade e esmero.”

Denise Guimarães, 59, professora.

“É um grupo excelente, de grande responsabilidade e muito eficiente. Parabéns pela oportunidade oferecida aos nossos alunos.”

Neide Maria da Silva, 49, professora.

“O melhor grupo de teatro que conheço. Virei a todas as peças que puder.”

Pablo Augusto, 21, estudante.

“Símbolo de cultura, alegria e atualidade na cidade. Amo as peças e o incentivo ao bom e velho teatro. Gosto muito, principalmente do preço, que ajuda ao acesso de todos.”

Paulamar Rodrigues, 27, administradora.

“Importante papel na cultura de Juiz de Fora, revelando talentos e levando espetáculos de qualidade acessíveis à população em geral.”

José Roberto Roxo, 54, empresário.

“É maravilhoso! Que bom, posso desfrutar há várias décadas de espetáculos com a minha mãe, e agora com minha filha.”

Thalytha Castellos, 30, bancária.

“Muito bom. Percebe-se seriedade e dedicação. Ótima a interação com o público.”

Américo de Oliveira, 39, padre.

“A história do Grupo Divulgação é tão bela quanto as peças que ele apresenta.”

Rodrigo Mattos, 28, administrador.

Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação

apresenta

A República de plantão

de José Luiz Ribeiro

| | |
|------------------|--------------------|
| Lina | Márcia Falabella |
| Catinha | Fátima Amorim |
| Elísio Carlos | João Paulo Rabelo |
| Valdir | Marcus Leoni |
| Rose Marie | Lívia Sales |
| Maria do Rosário | Fernanda Tostes |
| Andréia | Ameli Gabriele |
| Ivone | Kênia Bárbara |
| Cida | Ana Eliza Teixeira |
| Vilmar | Thaysi Ribeiro |
| Vilma | Vanessa Vieira |
| Cel. Maia Passos | Júlio Andrade |
| Janjão | Maurício Ribeiro |
| Beto | José Eduardo Brum |
| Madalena | Alessandra Maia |

| | |
|-----------------------------------|--|
| Sonotécnica | Augusto França, Tásia Souza e José Eduardo |
| Programa sonoro | Jocemar de Souza |
| Cartaz | Augusto França |
| Figurino | Malu Ribeiro |
| Trilha, Cenário, Luz e Direção | José Luiz Ribeiro |

Apoio:

Dayana Souza, Franciane Lúcia, Gustavo Burla, Igor Grizende, Jacqueline Glauber, Marcelo Martins, Nara Mourão, Tálisson Melo, Tiago Vitor, Tásia Souza, Vinícius Alvim, Virgínia Fonseca e Vitor Campanha.

OUTROS ESPETÁCULOS

| | |
|------------------------------------|----------------------|
| Cancioneiro de Lampião | Nerthan Macedo |
| O urso | Tchekov |
| Bodas de Sangue | Garcia Lorca |
| Electra | Sófocles |
| Diário de um louco | Nicolai Gogol |
| Pequenos burgueses | Máximo Gorki |
| A visita da velha senhora | Dürrenmatt |
| Escola de mulheres | Molière |
| Escorial | Ghelderode |
| Romanceiro da Inconfidência | Cecília Meireles |
| Maria Stuart | Schiller |
| A morta | Oswald de Andrade |
| O patinho torto | Coelho Netto |
| Yerma | Garcia Lorca |
| Seis personagens em busca de autor | Pirandello |
| As criadas | Jean Genet |
| Arlequim servidor de dois amos | Carlo Goldoni |
| Calígula | Albert Camus |
| Guerra mais ou menos santa | Mário Brasini |
| Pedreira das almas | Jorge Andrade |
| Só o faraó tem alma | Silveira Sampaio |
| O beijo no asfalto | Nelson Rodrigues |
| Mas que papel, seu bacharel! | José Luiz Ribeiro |
| O estado de sítio | Albert Camus |
| Boca do inferno | Marcus Vinícius |
| A mandrágora | Maquiavel |
| O rei da vela | Oswald de Andrade |
| Como se fazia um deputado | França Júnior |
| Dr. Getúlio, sua vida e sua glória | Dias Gomes/F. Gullar |
| O jardim das cerejeiras | Tchekhov |
| Esta noite se improvisa | Pirandello |
| O inspetor geral | Nicolai Gogol |

| | |
|------------------------------|---------------------|
| Fausto | Goëthe |
| Girança | José Luiz Ribeiro |
| A casa de Bernarda Alba | Garcia Lorca |
| Grito mudo | José Luiz Ribeiro |
| As aventuras do tio Patinhas | Augusto Boal |
| A aurora da minha vida | Naum Alves de Souza |
| Canga | José Luiz Ribeiro |
| O mercador de Veneza | William Shakespeare |
| O santo milagroso | Lauro César Muniz |
| Rasto atrás | Jorge Andrade |
| Era sempre primeiro de abril | José Luiz Ribeiro |
| Todomundo | José Luiz Ribeiro |
| Édipo-Rei | Sófocles |
| O burguês fidalgo | Molière |
| Vereda da salvação | Jorge Andrade |
| Il teatro comico | Carlo Goldoni |
| Como se come um homem | S. Mrozek |
| A torre em concurso | J. Manuel de Macedo |
| O homem e o cavalo | Oswald de Andrade |
| A escada de Jacó | José Luiz Ribeiro |
| Cervantina | Miguel de Cervantes |
| O devoto | José Luiz Ribeiro |
| O príncipe rufião | José Luiz Ribeiro |
| Viva a Nau Catarineta | Altimar Pimentel |
| Os ossos do barão | Jorge Andrade |
| Girança (II) | José Luiz Ribeiro |
| O último portal | José Luiz Ribeiro |
| Botanágua | José Luiz Ribeiro |
| A Trupe da Paz | José Luiz Ribeiro |
| Senhora na Boca do Lixo | Jorge Andrade |
| Zé das Cova e Dona Morte | José Luiz Ribeiro |
| O Círculo de Giz | Brecht/Ribeiro |
| O Canto do Cisne | Anton Tchekhov |
| A Fábula do Destino | José Luiz Ribeiro |
| Visitando Volpone | José Luiz Ribeiro |
| A Tempestade | William Shakespeare |
| Adoráveis Canalhas | José Luiz Ribeiro |
| Erguei as mãos | José Luiz Ribeiro |
| A república de plantão | José Luiz Ribeiro |

AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF:

Prof. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Pró-Reitor de Cultura:

Prof. José Alberto Pinho Neves

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 41 anos, perceberam que o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro.”
García Lorca